Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

SAÚDE E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL: UM ESTUDO DE CASO

HEALTH AND WORK CONDITIONS IN THE CONSTRUCTION INDUSTRY: A CASE STUDY

Caroline Urias Challouts[1]
Tânia Maria Gomes da Silva[2]
Lucas França Garcia[3]

RESUMO - Os trabalhadores da construção civil encontram-se expostos a diferentes riscos ocupacionais. Neste artigo, analisam-se as condições de trabalho formal e informal de operários da construção civil da região de Maringá, Paraná. Complementarmente, propõe-se verificar se são adotadas práticas de promoção da saúde com os trabalhadores. Tratou-se de estudo de campo, de abordagem qualitativa, realizada por meio da técnica de entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados seguindo a análise de conteúdo de Bardin (2016). A amostra envolveu 14 trabalhadores da construção civil. Dentre os entrevistados, sete eram trabalhadores com registro e sete eram informais. De acordo com os resultados, há relação entre a percepção do ambiente laboral e o tipo de vínculo trabalhista, formal ou informal; os trabalhadores com vínculo formal se sentem felizes com a atividade desempenhada; o estresse e a sensação de sobrecarga de atividades são mais comuns entre os trabalhadores informais. Observou-se ausência de ações que promovam saúde com trabalhadores informais, ocasionando

[1] Engenheira civil e engenheira de segurança do trabalho. Mestre em Promoção da Saúde - Unicesumar. E-mail: carolineeuchallouts@gmail.com ORCID: https//orcid.org/0000-0002-9039-5450
[2]Doutora em História. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Cesumar (UniCesumar). Bolsista produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI). E-mail: tanoia.gomes@unicesumar.edu.br ORCID: http://orcid.org/0000-0002-5495-9968
[3] Doutor em Medicina. Ciências Médicas (Bioética). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Cesumar (UniCesumar). Bolsista produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI). E-mail: lucasfgarcia@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5815-6150

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

maior exposição a acidentes e doenças. Sendo assim, é fundamental articular ações governamentais atentas às estratégias promotoras de saúde do trabalhador, com enfoque na educação em saúde.

Palavras-chave: Construção Civil; Promoção da Saúde; Segurança do trabalho.

ABSTRACT - Workers in the construction industry are exposed to several different occupational risks. In this article, we evaluate the conditions of formally and informally hired construction workers in the region of Maringá, Paraná. Furthermore, we attempt to verify whether health promotion practices are adopted with the workers. This was a qualitative field study, carried out using semistructured interviews. Data were analyzed following Bardin's (2016) content analysis. The sample included 14 construction workers. Seven interviewees had formal job contracts while seven worked informally. According to our results, there is a connection between the perception of the work environment and the type of work contract, formal or informal; formal workers feel happy with their jobs; informal workers are more likely to be stressed and to feel overburdened. There was a lack of actions to promote health with informal workers, and, consequently, higher exposure to accidents and disease. Therefore, it is paramount to articulate government actions considering strategies to promote worker's health, focusing on health education.

Keywords: Construction Industry; Health Promotion; Work Safety.

INTRODUÇÃO

A construção civil é considerada uma das maiores e mais perigosas indústrias de todo o mundo (JAZARI *et al.*, 2018). Nesse setor, os trabalhadores encontram-se expostos a inúmeros riscos que podem resultar em acidentes, os quais geram sofrimento, reduzem a capacidade de trabalho, diminuem a qualidade de vida e, em alguns casos, levam à morte (IZUDI; NINSIIMA; ALEGE, 2017).

Para Momoli, Trindade e Rodrigues-Junior (2021, p. 798), o setor da construção civil "[...] representa um dos cenários laborais mais precários no Brasil quanto às formas de contratação, condições de trabalho e fiscalização", razão pela qual apresenta os

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

maiores índices de morbimortalidade do país, chamando a atenção tanto pela frequência, quanto pela gravidade das lesões e alto percentual de mortalidade.

O reconhecimento dos riscos que o trabalho na construção civil oferece aos atuantes nesta área levou à elaboração de uma Norma Regulamentadora específica para o setor (NR-18) e à criação de um cadastro nacional de dados. Todavia, a alta rotatividade do setor, a informalidade dos contratos de trabalho e a subnumeração nos registros ocupacionais dificultam a identificação dessa população, bem como a tomada de posições mais assertivas para diminuir os problemas (SANTANA; OLIVEIRA, 2004).

No Brasil, entre 2012 e 2018, foram notificados 4,4 milhões de acidentes de trabalho, sendo 97 mil na área da construção civil (BRASIL, 2020b). A despeito disso, ainda é comum que os gestores da construção civil vejam os investimentos com segurança e promoção da saúde como um prejuízo (IZUDI; NINSIIMA; ALEGE, 2017).

Vários estudos já foram realizados em busca de enfatizar a importância de resguardar a saúde dos trabalhadores (GOMES; AREZES; VASCONCELLOS, 2016; GRILL; NIELSEN, 2019; YE *et al*., 2020). Dentre eles, cabe ressaltar as contribuições de Gomes, Arezes e Vasconcellos (2016), pois os autores apontaram a importância de um olhar apurado sobre a saúde dos trabalhadores da área da construção civil, em especial, em relação àqueles que atuam em obras de pequeno porte e vivem situações de segurança mais vulneráveis. O estudo desses autores mencionados merece destaque, porque aborda as condições de canteiros menores, sendo que, em termos de vigilância, as obras maiores são as mais fiscalizadas, por isso são "obrigadas" a cumprirem as normativas de segurança, enquanto as obras menores acabam esquecidas.

Segundo um estudo de coorte, iniciado em 2000[1], no Brasil, há uma tendência a se responsabilizar os trabalhadores da área da construção civil pelos acidentes que os vitimam (SANTANA; OLIVEIRA, 2004). Exemplifica essa situação um estudo de caso realizado por meio de observação in loco e entrevistas estruturadas por Ferreira Filho, Ramos e Castro (2020) em uma cidade no Estado do Pará, buscando entender as causas de frequentes acidentes de trabalho ocorridos em uma construtora que presta serviços de construção de redes de energia elétrica em zona rural. Embora o estudo tenha trazido contribuições importantes, os resultados problematizaram somente o comportamento dos trabalhadores, deixando de apresentar e discutir as condições reais de trabalho oferecidas pela empresa e que seriam importantes para uma compreensão mais ampla da situação.

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

De acordo com outro estudo, as principais causas dos erros humanos que levaram a morte estão ligadas à complexidade da atividade, ao estresse, às condições inadequadas do ambiente de trabalho, à fadiga e à falta de treinamento e experiência na área (KHODABANDEH; KABIR-MOKAMELKHAH; KAHANI, 2016).

Em uma pesquisa mais recente, que buscou explorar os processos sociocognitivos de trabalhadores da construção civil sob a interação de seus chefes e colegas de trabalho, visto que tratava-se de uma temática pouco abordada nas literaturas anteriores, foi constatado que o comportamento de gerentes, chefes e mesmo colegas de trabalho têm influência na redução de acidentes, seja por meio de seus comportamentos, seja pelos feedbacks positivos ou negativos, os quais levam os trabalhadores a refletirem com mais cuidado sobre suas ações (YE *et al.,* 2020).

Consideramos, portanto, de extrema relevância apresentar considerações sobre a percepção dos trabalhadores da construção civil acerca de seu ambiente laboral. É importante o conhecimento dos trabalhadores das normas regulamentadoras do trabalho pois, tais normas consistem em elementos capazes de previr o adoecimento e os acidentes em decorrência da atividade laboral e também promover saúde, visto que trabalhadores que tenham conhecimento sobre os riscos do trabalham passam a ter comportamentos mais seguros e também sofram menos estresse em decorrência de seu ofício. As normativas e descobertas cientificas acerca de saúde do trabalhador devem ser divulgadas aos mesmos, para que a classe operária se posicione como protagonista na luta por melhores condições laborais (ODDONE *et al.,* 2020).

Neste artigo, buscamos, a partir das narrativas de um grupo de trabalhadores da construção civil, analisar como eles percebem o seu ambiente laboral. Além disso, temos como intuito perceber as diferenças entre o trabalho em um canteiro de obras de grande porte e nos pequenos canteiros, os quais são provenientes de obras menores, como por exemplo construções ou reformas residenciais; apresentar suas ponderações sobre os vínculos trabalhistas formais e informais; e verificar se são realizadas práticas de educação e promoção da saúde no ambiente em que os entrevistados atuam.

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

MÉTODOS

Delineamento do estudo

Trata-se de estudo de campo, de abordagem qualitativa, realizado por meio da técnica de entrevista semiestruturada. O estudo também possui caráter teórico documental, tendo como suporte as Normas Regulamentadoras (NR) relacionadas à higiene e segurança no trabalho e à Política Nacional de Promoção da Saúde (Brasil, 2020a), e tendo como suporte teórico interpretativo a teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2003). Para a compreensão dos dados, realizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Instrumento

O método de investigação empregado para a recolha de dados foi o de entrevistas semiestruturadas. Desenvolvemos um roteiro de entrevista, com 35 perguntas distribuídas em objetivas e também discursivas (CARDANO, 2017), envolvendo distintos aspectos das representações de saúde e condições de trabalho. Neste trabalho, apresenta-se um recorte para discussão específica das caraterísticas do ambiente de trabalho e a atividade laboral em interface com a promoção da saúde do trabalhador.

As entrevistas tiveram duração entre 60 a 90 minutos, aproximadamente, e foram conduzidas por uma aluna do curso de Mestrado em Promoção da Saúde, da Universidade Cesumar, com formação em engenharia civil e engenharia de higiene e segurança do trabalho. Nenhuma das entrevistas precisou ser repetida. Todos os entrevistados receberam nomes fictícios.

Amostra

O estudo foi realizado com uma amostra de trabalhadores da construção civil, na região metropolitana de Maringá-PR. O critério de inclusão estabeleceu os seguintes aspectos: os entrevistados seriam homens, sexo predominante nessa área (AMARO; SILVA FILHO; SANTOS, 2016); deveriam ter 18 anos ou mais de idade e precisariam atuar há um ano ou mais na construção civil, de modo a ter experiências significativas de trabalho na área.

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Foram entrevistados 14 trabalhadores, sendo sete de obras prediais e sete de obras residenciais. Os primeiros foram recrutados por meio do contato prévio com o engenheiro responsável de uma construtora da cidade de Maringá, e os demais foram selecionados por meio da estratégia de bola de neve *'snowball'*[2] (COSTA, 2018), sendo escolhido, inicialmente, um contato que se enquadrasse nos critérios de inclusão do presente estudo e pudesse indicar outros possíveis participantes, a partir de sua rede pessoal de contato. O número de trabalhadores captados pela estratégia de bola de neve foi dado pela saturação dos dados obtidos, ou seja, a coleta encerrou quando não se faziam mais necessárias novas informações para a compreensão do tema de estudo (NASCIMENTO *et al.,* 2018).

Cenário

Os dados foram coletados entre julho e agosto de 2021. As entrevistas foram individuais e ocorreram via *WhatsApp*, aplicativo gratuito de mensagens móveis, que permite o envio de texto, imagem, vídeo e mensagens de voz de maneira instantânea (KUMAR; SHARMA, 2017). Para este estudo, procuramos trabalhar apenas com o recurso de mensagens de voz do *WhatsApp*.

A escolha em utilizar o aplicativo se deu frente ao contexto pandêmico da Covid-19, em que o distanciamento físico foi uma das medidas de segurança sanitária para impedir a propagação do vírus. Desse modo, para dar maior segurança aos participantes e pesquisadores, optamos por fazer entrevistas remotas (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020). O fato dos entrevistados terem tempo para formular respostas pode ser considerado uma desvantagem, uma vez que no diálogo face a face os participantes tendem a ter reações mais espontâneas e, além disso, existe a possibilidade de se analisar a interpretação corporal e as emoções dos entrevistados.

Análise de dados

As entrevistas foram transcritas na íntegra. Os dados foram analisados qualitativamente, seguindo o modelo de análise de conteúdo de Bardin (2016), com auxílio do software NVIVO, versão 12, utilizado para a organização e sistematização das informações. O software permitiu o armazenamento das transcrições das entrevistas, seleção de fragmentos de texto significativos para a análise, produção de áreas temáticas

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

e organização das falas, seguindo os códigos de matrizes previamente estabelecidos por análise comparativa, construção de gráficos e elaboração da análise de *cluster*.

A interpretação dos dados seguiu as fases estabelecidas por Bardin (2016): pré-análise; exploração do material; análise dos resultados; interferência; e interpretação.

Aspectos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Maringá (Unicesumar), sob o parecer número 4.707.006 /2021 e respeitou as normativas internacionais e nacionais de ética na pesquisa envolvendo seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil sociodemográfico

Participaram deste estudo um total de 14 trabalhadores, sete trabalhadores com vínculo formal de trabalho e sete trabalhadores na categoria informal. A idade dos entrevistados variou entre 22 a 55 anos. Cabe ressaltar que a média etária dos trabalhadores informais (34,13) era menor do que a dos trabalhadores formais (44,57), fato que confirma estudo de Corseuil, Franca e Poloponsky (2020), o qual evidenciou que em países em desenvolvimento a taxa de informalidade é ocupada prioritariamente por jovens trabalhadores.

Dentre os entrevistados, cinco eram pintores, três mestres de obras, três serventes de pedreiro, dois pedreiros e um armador[3]. Oito entrevistados trabalhavam na área há mais de dez anos. Quanto à cor da pele, oito se autodeclararam morenos, um negro, quatro brancos e um pardo. Nove entrevistados não haviam concluído o ensino fundamental, sendo que um deles não dominava a leitura e a escrita.

O perfil sociodemográfico dos participantes corrobora com uma das características comuns de trabalhadores da construção civil, a baixa escolaridade. Trata-se de um setor que não faz grandes exigências quanto ao grau de instrução. Esse fato potencializa a vulnerabilidade dos trabalhadores (Jasani *et al.,* 2017).

As categorias para análise foram pensadas a priori e foram definidas de a partir da revisão de literatura, sendo assim já compunham o roteiro de entrevistas. Utilizou-se da revisão de literatura para a elaboração das categorias, sendo:

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

1. ambiente de trabalho/atividade laboral;
2. representações sobre saúde e estilo de vida;
3. promoção da saúde/saúde do trabalhador.

Nesta investigação, discutiremos o ambiente de trabalho/atividade laboral e a promoção da saúde/saúde do trabalhador. A categoria de promoção da saúde/saúde do trabalhador foi subdividida em outras três subcategorias emergentes nos discursos: impactos da Covid-19 no setor da construção civil; áreas de vivência; e acidentes de trabalho e ações preventivas. Essa última foi subdividida em outras duas subcategorias: acidente de trabalho e ações educativas e EPI.

Ambiente de trabalho e atividade laboral

Trabalho formal x trabalho informal

A Norma Regulamentadora, NR-18 (BRASIL, 2020a), é responsável por estabelecer as diretrizes para um ambiente de trabalho seguro e saudável no setor da construção civil. Contudo, mesmo exigindo que todos os canteiros de obras, independentemente do tamanho, cumpram suas determinações, essa norma só é seguida com afinco por empresas de grande porte, as quais além de possuir canteiros maiores e melhor organizados, têm também vínculos de trabalho formais regidos pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT)[4] (GOMES; AREZES; VASCONCELLOS, 2016). Já em obras menores, compostas por pequenos canteiros como, por exemplo, as que envolvam construção ou reforma de casas, pinturas internas e de fachadas, ou obras públicas de menor porte, entre outras relativamente rápidas, é comum a ocorrência de vínculos informais de trabalho, não cumprindo a referida normativa. Tal posição torna esses ambientes mais suscetíveis à ocorrência de acidentes e doenças do trabalho, já que há um menor cuidado em resguardar a saúde e segurança dos trabalhadores (Gomes; Arezes; Vasconcellos, 2016). Ademais, é comum nas fiscalizações os órgãos competentes se preocuparem, majoritariamente, com grandes obras, comprometendo a visibilidade de canteiros menores que descumprem as normas do Ministério do Trabalho.

Outro agravante é o descumprimento da CLT, que legisla, por exemplo, sobre o registro do trabalhador. A análise empírica mostrou que dentre os entrevistados, sete eram trabalhadores registrados e sete eram informais e, como esperado, todos aqueles

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

com registro formal trabalhavam em obras de grande porte (obra predial); e os informais em obras de pequeno porte (obra residencial), confirmando estudos de Gomes, Arezes e Vasconcellos (2016).

O trabalho formal garante benefícios de seguridade social, como, por exemplo, aposentadoria remunerada; medidas de proteção à saúde, tais como exame admissional, periódicos e treinamentos de segurança; auxílio em caso de acidentes ou doenças comprovadamente decorrentes da atividade laboral. O trabalho informal, por sua vez, valida a exploração do trabalho e valoriza o suposto empreendedorismo, quando, na verdade, o que ocorre é o aumento da exploração, a perda de direitos e de proteção social (ANTUNES; PRAUN, 2015; LARA; HILLESHEIM, 2021; SOUZA, 2021).

Apesar de a metade dos entrevistados atuarem na informalidade, eles identificam as vantagens do registro, entendendo-o como sinônimo de segurança. Exemplifica o depoimento a seguir, feito por um funcionário registrado, mas que realiza trabalhos na informalidade para complementar a renda:

> Se você tem o registro pode acontecer de você machucar e você ter o seguro [...], sem registro é ruim de trabalhar, porque não tem o INSS. No trabalho informal, você ganha muito mais do que se fosse para trabalhar registrado, mas eu prefiro trabalhar registrado. Tem um pouco mais de segurança. (Felipe).

Esse mesmo questionamento foi feito para Adriano, que há pouco tempo perdeu o emprego em uma construtora onde era registrado e passou a trabalhar sem registro formal. Ele também considera importante os benefícios assegurados pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário (SINTRACOM), a exemplo de convênios médicos e ações educativas sobre saúde e segurança. Ademais, a carteira de trabalho, além de assegurar os direitos dos trabalhadores, é também um elemento importante em um país que, como o Brasil, registra altos índices de acidentes de trabalho (BRASIL, 2020b).

O ambiente de trabalho

O ambiente de trabalho é o conjunto de todas as condições de vida no espaço laboral, incluindo condições de descanso (Oddone *et al.,* 2020). O ambiente tem efeito sobre o bem-estar físico e psíquico dos trabalhadores. É de extrema importância um

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

estudo que analise os fatores de risco do local, bem como a visão que os trabalhadores têm dele (ODDONE *et al.,* 2020). Nesse contexto, as entrevistas tiveram início entendendo como o ambiente de trabalho é percebido pelos entrevistados.

Apesar de o ambiente de trabalho da construção civil apresentar inúmeros riscos, os trabalhadores, muitas vezes, não os enxergam ou os banalizam. Ao questionamento: "como é o seu ambiente de trabalho?", treze o definiram como "sossegado", "sem perigo de nada", "limpo", "organizado" e "seguro". Apenas um apontou os perigos.

É possível que o fato de os entrevistados entenderem que a entrevista se tratava sobre segurança do trabalho possa ter influenciado suas respostas, visto ser comum aos canteiros não atenderem a essa prerrogativa (VIDAL, 2021). De todo modo, observamos que os trabalhadores correlacionavam as palavras "limpeza/organização" com "segurança".

De fato, esses são fatores importantes para saúde e segurança dos trabalhadores, porque, além de prevenir acidentes, como quedas por tropeços em algum objeto, também evita adoecimentos, causados, por exemplo, pela diminuição da taxa de aspiração de poeira (NR-18).

Sentimentos associados ao trabalho

Os sentimentos associados ao trabalho também variaram de acordo com o vínculo (formal ou informal). Os entrevistados foram questionados sobre "como você se sente no ambiente de trabalho?" (Quadro 1). Em geral, todos apontaram se sentirem bem, mostrando que gostam e se sentem felizes de trabalhar na construção civil.

Como esperado, as falas dos trabalhadores informais trouxeram informações não apresentadas no discurso dos trabalhadores formais. Para iniciar essa discussão, é necessário compreender que os contratos informais na construção civil se dão, comumente, por empreitada, quando um trabalhador de ofício estabelece um contrato com a construtora, com prazos e preços fixos pré-estabelecidos (COSTA, 2011). O profissional responsável por estabelecer o contrato com a construtora é o empreiteiro. Este, geralmente, possui uma equipe para a execução dos serviços acordados, tornando-se responsável por resguardar a saúde e a segurança de seus funcionários (Costa, 2011). Em nosso estudo, quatro dos trabalhadores informais eram empreiteiros.

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Quadro 1 - Resultados do tema relativo aos sentimentos associados ao ambiente de trabalho com trechos das entrevistas

Sentimentos associados ao ambiente de trabalho	
Trabalhadores formais	**Trabalhadores informais**
Ah, sim com certeza. É o que eu gosto de fazer. (João)	Depende do dia, às vezes fico inquieto, preocupado com a obra. Acaba se tornando assim um dia meio ruim, mas quando a obra tá no andamento certinho, fico feliz... Então, depende muito do dia, da ocasião. (Lucas - empreiteiro)
Feliz! Sempre no meu serviço, eu gosto de ser feliz. (Eduardo)	Eu me sinto bem, desde quando eu concluo certinho. Às vezes, dá aquela ansiedade, porque se eu pego alguma obra, a gente tem o compromisso e a responsabilidade, às vezes tem prazo pra entregar e concluir. Então, tem obra meio grande que eu fico meio ansioso, mas geralmente, graças a Deus, tô concluindo bem os meus trabalhos e me sinto bem, porque eu gosto. Na pintura eu me sinto bem, eu me identifico. Vixe, eu gosto, gosto mesmo do que eu faço. (Fabiano - empreiteiro)

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda nesse contexto, ressaltamos que o empreiteiro é o encarregado pelo andamento do serviço, fato que pode causar muitas preocupações a esse trabalhador, como demonstrado na Quadro 1. Sendo assim, os empreiteiros se encontram em posição de liderança e maior responsabilidade. Apesar deles serem qualificados para a atividade que desempenham, como mestre de obras, pintor, eletricista etc., muitos não recebem ao longo da vida profissional ensinamentos de como liderar uma equipe, administrar obras, cuidar da segurança e saúde dos funcionários. Esse fator promove altos níveis de estresse e sobrecarga de trabalho (Quadro 2).

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Quadro 2 - Resultados do tema relativo aos sentimentos associados ao estresse e sobrecarga no trabalho com trechos das entrevistas

Estresse e sobrecarga no trabalho	
Trabalhadores formais	**Trabalhadores informais**
Como todo trabalho, tem dias que acontece sabe de ficar, não nervoso, às vezes com atraso, alguma coisa que você vai fazer e não dá certo, porque obra é muito imprevisível. (Felipe)	Isso só aconteceu uma vez quando eu tava terminando um serviço e tinha que começar outro e o cliente não tava querendo esperar naquele prazo que tinha combinado. Então, eu me senti sobrecarregado, fiquei com a cabeça cheia, pensativo. Uma coisa que me estressa é quando mal começou [...] e a pessoa já quer acabar, isso estressa muito e interfere na qualidade do serviço. (Mário - empreiteiro)
Não me sinto estressado e não me sinto sobrecarregado, porque gosto sempre de estar me movimentando. (Cido)	Sim, mas não em relação ao desenvolvimento do meu trabalho e sim, às vezes, no prazo. Quando o trabalho tem prazo é complicado, a gente trabalha meio que sob pressão. (Fabiano - empreiteiro)
Eu nunca senti estresse no serviço, eu sou sossegado, do jeito que vem o dia eu levo. Não sinto estresse em serviço não. (Caio)	Sempre que eu tô tocando muita obra me dá uma pressão na cabeça, às vezes [devido] ao patrão[1], às vezes do funcionário que não aparece para trabalhar e o engenheiro não entende e quer o serviço andando e a gente não consegue. Aí dá uma sobrecarregada. (Felício - empreiteiro)
Eu não tenho muito esse negócio de stress, graças a Deus. (Tiago)	Sim, sim, sim, me sinto muito sobrecarregado, mas a gente precisa trabalhar. Fico sobrecarregado por trabalhar em muitas obras ao mesmo tempo e quando o patrão não tá eu que tenho que resolver os problemas das obras. Resolvo um problema aqui, um problema ali, então vai sobrecarregando. Como a gente não consegue resolver tudo de uma vez, dá uma certa pressão, sobrecarregamento. (Antônio)

Fonte: Elaborado pela autora.

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Verificamos que níveis de estresse e sobrecarga são menos identificados nas falas dos trabalhadores formais, os quais, apesar de poderem se sentir estressados em algum momento, atribuem isso às características da atividade. Pressupõe-se que por conta dos trabalhadores registrados não terem responsabilidade direta com a entrega da obra, como é o caso dos empreiteiros, eles acabam se sentindo menos sobrecarregados, mantendo o foco somente no exercício de sua atividade. Isso pode ser identificado quando os entrevistados foram questionados se possuíam metas e prazos. O prazo é um elemento que aparece muito nas falas. Três trabalhadores formais sequer reconheciam possuir prazo para entregar suas atividades, como Tiago: "bom, isso não é uma imposição que eles estabeleceram visivelmente". De outro modo, para os trabalhadores informais, em especial os empreiteiros, as metas são fatores estressantes, pois somente com os prazos em dia o pagamento é feito:

> Sim, eu tenho que cumprir metas e prazos, porque no fechamento de quinzena, o cliente ou engenheiro só libera dinheiro se tiver no prazo, se tiver produzindo a obra conforme o combinado. Quando tudo está dentro do prazo eu me sinto bem, quando não tá, eu coloco a mão na massa para cumprir aquela meta. (Lucas)

Dentre os trabalhadores que disseram ter metas e prazos a cumprir, três informaram se sentir bem com estas imposições; os demais entrevistados apontaram se sentir obrigados a cumprir a meta e nervosos com os prazos, como Célio: "isso me estressa muito, porque um serviço com qualidade não tem como correr e nem meta. Eu fico nervoso e não consigo fazer com amor". Percebe-se que o trabalhador informal se sente mais vulnerável em relação à sua permanência no trabalho. Por isso, há maior preocupação e stress ao cumprir suas atividades.

Os entrevistados foram questionados se já sentiram medo ao desempenhar atividades arriscadas no trabalho. Seis responderam afirmativamente, sendo todos na informalidade. O medo estava relacionado a trabalhos em altura, os quais constituem a causa mais frequente de lesões fatais na construção civil (KHODABANDEH; KABIR-MOKAMELKHAH; KAHANI, 2016).

Já os trabalhadores formais afirmaram que a palavra "medo" não se encontra no seu vocabulário. Isso se deve, possivelmente, por seguirem normas de segurança e utilizarem os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), fato que os deixa mais

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

seguros na hora da realização de seu trabalho, como apontou Pedro: “Eu nunca tive receio no trabalho, porque sempre quando vai fazer parte de altura assim a gente usa o cinto com trava queda, então para mim é normal”.

Relacionamentos

O relacionamento com os colegas de trabalho foi apontado como fator muito importante para os trabalhadores, pois a boa relação construída no canteiro de obras é o que traz felicidade no dia a dia desses homens, como é possível verificar no trecho a seguir:

> Isso que me consola, graças a Deus eu tenho uma boa relação com meus colegas, me alegro muito ali com o pessoal, eu gosto de muita gente ali dentro. Esse é o lado bom de trabalhar nessa empresa, esse é o lado legal, que me faz sentir bem (Tiago).
> Rosse

Os entrevistados consideram seus colegas como uma família, destacando que, caso haja algum desentendimento, o carinho e a cumplicidade prevalecem.

Quanto o relacionamento dos trabalhadores com seu salário, identificamos que, de modo geral, todos acham ter boa remuneração. Contudo, esse “contentamento” se dá porque eles entendem que o salário recebido é pré-definido para seu tipo de atividade, logo, não teriam como mudar esse cenário. É o que demonstra a fala de Caio: “a gente ganha pouco, mas a gente tem que suportar, porque é o valor que o sindicato paga, então a gente tem que tolerar. Pra mim tá bom, graças a Deus, tá ótimo meu salário”. De todo modo, quatro não esconderam sua vontade de ganhar mais, como foi o caso de Tiago, que busca ter melhores oportunidades por meio do estudo:

> Eu tenho recebido um salário que tem me ajudado, mas eu gostaria de ter um salário melhor e isso depende de mim. Eu tenho que terminar meus estudos, tenho que fazer um curso, dois, três se for preciso, e eu vou fazer isso, eu desejo fazer isso. Se ninguém me reconhecer eu tenho que me reconhecer, então, eu tenho que me empenhar para que eu chegue ao objetivo que eu quero (Tiago).

Outro fator que traz certa satisfação aos trabalhadores em relação ao salário é porque, atualmente, estamos vivendo, no Brasil, uma alarmante crise de desemprego

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

(COSTA, 2020). Assim, aqueles que estão na ativa acabam se contentando com o pouco recebido, conforme diz Paulo: "pra mim, por enquanto, tá ótimo, pra quem não tava ganhando nada há alguns dias atrás e pra quem tá começando agora a trabalhar de novo, tô bem satisfeito". Devemos levar em consideração o fato de Paulo ser casado, o que aumenta a sua necessidade imediata de trabalho.

Promoção da saúde e saúde do trabalhador

Os impactos da Covid-19 no setor da construção civil

A Covid-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, foi identificada pela primeira vez na China, em dezembro de 2019 (ZHU *et al*., 2020), e constitui um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século (WERNECK; CARVALHO, 2020). A construção civil foi um dos setores mais afetados, porque, exceto interrupções pontuais, o setor quase não parou, apenas recebeu ressalvas quanto às atividades (SOUZA, ROSSETE, 2021). Durante as entrevistas, mesmo não sendo questionados se contraíram ou não o vírus, seis entrevistados afirmaram ter positivado para Covid-19, dentre eles, quatro eram trabalhadores informais.

É importante observarmos que no cenário da pandemia de Covid-19, a saúde dos trabalhadores informais esteve ainda mais comprometida (BARROSO *et al*., 2021). Isso se deu por conta do aumento de atividades laborais realizadas de forma precária e com suspensão das medidas de saúde e segurança dos trabalhadores (LARA; HILLESHEIM, 2021). Pressupomos que muitos nem sequer receberam instruções sobre o Coronavírus, ficando a cargo desses trabalhadores se informar sobre como se proteger e arcar com os custos dos EPI (BARROSO *et al*., 2021).

Mesmo que tenha afetado mais os trabalhadores informais, a pandemia comprometeu toda a classe trabalhadora, seja por conta da exposição ao vírus, seja pelos impactos psicológicos e sociais, causados, por exemplo, pelo medo da infecção e de contaminação dos familiares (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2020).

O ambiente de trabalho da construção civil, em muitos casos, constitui-se de uma conjuntura fértil para o coronavírus, dada a inexistência ou a inadequação das áreas de vivência em canteiros de obras, como, por exemplo: instalações sanitárias, locais para descanso dos trabalhadores, locais para refeições, vestiários e, caso os trabalhadores durmam no ambiente laboral, a existência de dormitórios impróprios (VIDAL, 2021; BRASIL, 2020a).

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Desse modo, é de extrema importância a fiscalização e a inspeção do trabalho dos canteiros de obras, independentemente do porte (GOMES; AREZES; VASCONCELLOS, 2016). As ações punitivas e o embargo das obras em situações mais precárias são necessários para a dignidade dos trabalhadores (VIDAL, 2021).

Áreas de vivência

O ambiente de trabalho da construção civil gira em torno do canteiro de obras, área de trabalho fixa ou temporária, onde se desenvolvem operações de apoio e execução das atividades (BRASIL, 2020a). Constituem-se em espaços que devem ser planejados de modo a atender a logística da obra, promover a organização e a eficiência nos processos de trabalho e segurança. Segundo a NR-18 (BRASIL, 2020a), além de ser um espaço operacional, o canteiro de obras deve dispor de áreas de vivência para seus funcionários. Contudo, é comum canteiros de obras onde os trabalhadores almocem sentados em tijolos, façam suas necessidades fisiológicas sem instalações sanitárias, bebam e façam sua higienização na mesma água colocada na betoneira e durmam em espaços confinados, sem ventilação adequada e com camas improvisadas (VIDAL, 2021).

Quando questionados se nas obras em que trabalhavam haviam áreas de vivência adequadas, ficou explícita a diferença dos canteiros residenciais e prediais, visto que, naquelas de maior porte, há um maior cuidado para seguir as normativas. Destacamos a fala do entrevistado João, que apontou a satisfação de trabalhar em um ambiente no qual, além das instalações básicas, conta com área de lazer: “é muito bom, com certeza, porque agrega”.

Os trabalhadores de canteiros menores apontaram o contrário, como Pedro: “lá [local de trabalho] até agora tá meio escasso, porque tá começando a obra. Água tem, mas banheiro, esses negócios não têm ainda, eles estão improvisando”. É preciso frisarmos que a instalação do canteiro e a limpeza geral da obra são as primeiras etapas do processo de construção (GOMEZ, 2011), diferentemente do apontado pelo entrevistado.

Canteiros de obras de pequeno porte, em geral, são tidos como desnecessários e inviáveis, visto serem obras de curta duração. Para Júnior, mestre de obras: “só quando a obra vai durar mais de seis meses a gente faz, quando é obra pequena de dois ou três meses, acaba não compensando, mas a gente faz se um sanitariozinho, e água potável, geralmente, a gente leva a garrafa de água”. Semanticamente, o termo “sanitariozinho”

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

evidencia algo precário. De fato, trata-se de um buraco no chão, fechado por tapumes. A não instalação do canteiro de obras, apesar de não estar diretamente relacionada à ocorrência de acidentes e doenças laborais, é um fator que aumenta as probabilidades de acidentes e adoecimentos.

Acidentes de trabalho e ações preventivas

Acidente de trabalho

Os principais riscos em um canteiro de obra correspondem a acidentes de trabalho, tais como esmagamento entre objetos, eletrocussões, golpes de objetos e especialmente as quedas em altura (COSTA, 2020). Por isso, a importância de debater sobre esse fenômeno que tem tirado a vida de inúmeros trabalhadores (DAU, 2020).

Os resultados apontaram que quatro entrevistados já sofreram acidentes de trabalho, todos eles sem registro formal de trabalho. Segundo Antunes e Praum (2015), condições precárias de trabalho, alta rotatividade e jornadas prolongadas aumentam os riscos de acidentes e de adoecimentos.

Também cabe ressaltar que, nos casos de acidente com trabalhadores informais, ocorre o retorno precoce destes às atividades, ou até mesmo o não afastamento. Devido à necessidade de receber o salário, é comum ao trabalhador não esperar a total recuperação para retornar ao seu ofício. Felício, é um exemplo, pois já sofreu uma queda de andaime: “eu não cheguei a me ausentar do trabalho, porque só deu vinte pontos na cabeça [sic] e como eu trabalho por empreita não tem como ficar parado”.

Além disso, a fala do entrevistado reforça a normalização dos acidentes de trabalho na construção civil, também apresentada pelo pintor Fabiano, que diz ter passado apenas por “pequenos acidentes”, não sendo necessários cuidados especiais:

> Acidente que eu precisasse me ausentar não, a não ser no dia. No caso, tombo assim de doer a perna ou, às vezes, de bater o joelho e meio que não conseguir trabalhar no dia, mas no outro no caso eu já segui. Graças a Deus, nada grave, até hoje.

Desta maneira, apenas os acidentes graves e que impedem a continuidade do trabalho são validados pelos trabalhadores, essa é uma prova da grande vulnerabilidade do trabalhador brasileiro.

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Ações educativas e Equipamentos de Proteção Individual (EPI)

Um estudo recente apontou a importância de se conhecer os aspectos cognitivos dos trabalhadores da construção civil. É necessário compreender porque eles adotam tantos comportamentos inseguros, sabendo ser o descumprimento das normas de segurança o principal fator causador de acidentes (YE *et al.,* 2020).

Segundo Brown (2007), o processo cognitivo é realizado em três fases: receber, armazenar e usar a informação. Neste estudo, apenas dois entrevistados informais tinham participado de alguma ação educativa ou treinamento em segurança do trabalho, enquanto todos os trabalhadores registrados recebiam esse tipo de informação semanalmente.

Apesar de o alto número de acidentes por ato inseguro se dê pelo fato de muitos não terem acesso à informação necessária para identificar e aprender a lidar com os riscos do trabalho, isso não exclui o fato de muitos trabalhadores da construção terem um comportamento inseguro nas obras (FANG; WU, 2013), inclusive os que têm acesso à educação em saúde e segurança do trabalho. Um exemplo disso é o caso do servente Tiago, que afirmou participar de diálogos de segurança três vezes na semana, mas subestima os riscos: "não, eu não sou muito de ter medo de muitas coisas não... tem hora que eu desafio um pouco o perigo (risos)".

Outro fator que dificulta a percepção dos trabalhadores sobre os riscos laborais é a experiência na área, ou seja, por conta da familiarização com o trabalho e, consequentemente, com seus riscos, os trabalhadores param de identificar aquele ambiente como perigoso (WANG; ZOU; LI, 2016).

De todo modo, os erros cognitivos frente ao comportamento de risco podem e devem ser contornados (YE *et al.,* 2020). Para isso, é necessária a educação em saúde e segurança do trabalho, por meio da comunicação e de treinamentos (JIANG; FANG; ZHANG, 2015). Além disso, deve-se ter um olhar atento para o papel de influência do engenheiro responsável e demais colegas de trabalho (Grill; Nielsen, 2019).

É pela comunicação de segurança que os trabalhadores passam a entender a importância de identificar os riscos e a rever seus comportamentos inseguros (YE *et al.,* 2020). Com o treinamento de segurança, os trabalhadores têm a possibilidade de compreender melhor essas informações, tornam-se mais conscientes dos perigos e podem ter ações mais seguras (PANDIT *et al.,* 2019). Em locais onde ocorrem treinamentos e comunicação de segurança de forma frequente, os trabalhadores passam

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

a se comportar de forma adequada no canteiro de obras de maneira "automática". Como afirmou Felipe: "você vai trabalhando com os EPI, você acostuma a usar, aí tudo que você vai fazer você já lembra de pegar o EPI para qualquer serviço que for fazer".

Os entrevistados das obras prediais informaram participar de treinamentos e diálogos de segurança do trabalho de uma a três vezes por semana e, consequentemente, foi possível perceber em suas falas maior percepção dos riscos, em comparação aos entrevistados que não participam de nenhuma ação desse tipo. Destacamos aqui a fala de Cido, ao ser questionado se já sofreu algum acidente de trabalho, responde: "graças a Deus não. Procuro me cuidar e cuidar de quem tá próximo a mim também, porque no trabalho tem que ter muita atenção, porque o risco existe, mas tem que tá sempre cuidando". Evidenciamos que além de identificar o risco, o entrevistado estende os cuidados de segurança para com seus colegas.

Os entrevistados informais, os quais não recebem informações de segurança do trabalho, apresentaram mais comportamentos inseguros. A exemplo, novamente, da utilização dos EPI, considerados pela Norma Regulamentadora NR 06 (BRASIL, 2018, p. 1) como "todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho". Segundo a mesma normativa, o EPI deve ser fornecido pelo empregador, o qual deve orientar e obrigar seu uso. No setor da construção civil, a utilização do EPI é de extrema importância, pois, acrescidas de outras medidas de segurança, é fundamental para redução de lesões e mortes (IZUDI; NINSIIMA; ALEGE, 2017).

Observa-se, na construção civil, uma dificuldade a respeito da cobrança da utilização dos EPIs (ALEMU *et al.,* 2019), exigência essa que se tornou maior durante o período de pandemia, por conta da adesão de novos EPI no cotidiano desses trabalhadores (LI *et al.,* 2021). Todavia, neste estudo, destacamos que essa dificuldade é ainda maior para trabalhadores sem registro formal de trabalho (IZUDI; NINSIIMA; ALEGE, 2017), conforme demonstrado pelo mestre de obras Felício: "ah difícil... nós que trabalha por empresa assim (se refere aos informais) só usamos EPI quando a empresa contratante exige, mas é difícil. Eu tenho até os capacetes aqui para usar, mas ninguém usa". Em tese, isso se dá pela falta conscientização desses trabalhadores sobre a importância em se proteger dos riscos laborais e pela falta de conhecimento sobre os tipos de EPI adequados para suas atividades de trabalho (ESMAIL; SALWARI, 2021).

DOI: 10.29327/213319.22.6-12
Páginas 264 a 290

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, identificamos uma relação entre o vínculo de trabalho com o modo com que os trabalhadores percebem seu ambiente laboral.

Estresse devido à sobrecarga no trabalho é mais sentido pelos trabalhadores informais. Isso ocorre porque esta reação do organismo, está diretamente relacionada com as tensões resultantes da obrigatoriedade de cumprir metas e prazos de entrega de atividades, visto que estes, quando não cumpridos, levam ao não pagamento de salários aos trabalhadores por empreitada.

Outro fator levantado neste estudo refere-se à compreensão do sentimento do trabalhador ao desempenhar suas atividades, concluímos que de modo geral, os trabalhadores se sentem felizes na profissão, sendo que o bom relacionamento com os colegas de ofício é um fator crucial para o bem-estar no trabalho.

Por fim o presente estudo destaca que há poucas ações de promoção da saúde em canteiros de obras de menor porte, fato que compromete a saúde dos trabalhadores. A deficiência de informações em saúde e segurança no trabalho impede que os trabalhadores de canteiros menores identifiquem os riscos laborais e se previnam deles, tornando-se mais vulneráveis ao adoecimento e a acidentes de trabalho.

Portanto, a falta de educação em saúde e treinamentos de segurança, principalmente dos trabalhadores informais, deve ser olhada com atenção, sendo necessárias ações governamentais que formulem estratégias para contornar esse cenário.

REFERÊNCIAS

ALEMU, A. A. *et al*. Utilization of personal protective equipment and associated factors among building construction workers in Addis Ababa, Ethiopia, 2019. *BMC Public Health,* v. 20, n. 1, p. 794, may 2020. DOI: 10.1186/s12889-020-08889-x. Disponível em: https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-020-08889-x. Acesso em: 25 nov. 2021.

AMARO, M. C.; SILVA FILHO, L. A.; SANTOS, F. V. D. A mulher no mercado de trabalho formal da construção civil brasileira. *Revista de Desenvolvimento Econômico RDE,* Salvador, v. 1, n. 33, p. 132-153, abr. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.21452/rde.v1i33.4161. Disponível em:

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/4161/2914. Acesso em: 25 nov. 2021.

ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos do trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 123, p. 407-427, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/0101-6628.030. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sssoc/a/cbc3JDzDvxTqK6SDTQzJJLP/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 14 maio 2020.

ANTUNES, R. De Vargas a Lula: caminhos e descaminhos da legislação trabalhista no Brasil. *Pegada*, v. 7, n. 2, p. 83-88, nov. 2006. Disponível em: https://adrianonascimento.webnode.com.br/_files/200000125-9cfda9df7b/Pegada7n2_20065Ricardo%20Antunes.pdf. Acesso em: 08 dez. 2021.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROSO, B. I. L. *et al*. A saúde do trabalhador em tempos de COVID-19: reflexões sobre saúde, segurança e terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional,* v. 28, n. 3, p. 1093-1102, 2020. DOI: https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF2091. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadbto/a/7K494CxFTXtTtLsynkyJnjF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 6 jan. 2022.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Portaria Nº 877 de 24 de outubro de 2018:* Norma regulamentadora 06 - equipamento de proteção individual. Brasília: Ministério do Trabalho e Empreso, 2018.

BRASIL. Ministério do trabalho e emprego. *Portaria Nº 3733 de 10 de fevereiro de 2020:* Norma regulamentadora 18 - Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção. Brasília, 2020.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho. *Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho – ODSST*. Disponível em: https://observatoriosst.mpt.mp.br/. Acesso em: 22 jun. 2020b.

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

BROWN, C. *Cognitive Psychology*. Amsterdam: Elsevier; The Netherlands, 2007. 223p.

CARDANO, M. *Manual de pesquisa qualitativa*: a contribuição da teoria da argumentação. Tradução Elisabeth da Rosa Conil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM - COFEN. A luta contra o coronavírus tem o rosto de mulheres. *Cofen Notícias*, 2 maio 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/a-luta-contra-o-coronavirus-tem-o-rosto-de-mulheres_79476.html. Acesso em: 14 maio 2020.

CORSEUIL, C. H. L.; FRANCA, M. P.; POLOPNSKY, K. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. Dossiê Juventude e Trabalho. *Novos estudos CEBRAP*, v.39, n.3, 2020.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 15-37, jan./abr. 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v7i1.24649. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649. Acesso em: 17 jun. 2021.

COSTA, L. R. Subcontratação e informalidade na construção civil, no Brasil e na França. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. 62, p. 413-434, maio/ago. 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000200012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccrh/a/DMx97yqKtDFBT6JWNspm9pD/?lang=pt. Acesso em: 06 dez. 2021.

COSTA, S. S. Pandemia e desemprego no Brasil. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 969-978, jul./ago. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-761220200170. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rap/a/SGWCFyFzjzrDwgDJYKcdhNt/?lang=pt. Acesso em: 7 dez. 2021.

DAU, G. Índice de acidentes e mortes no trabalho cresceu no setor da Construção Civil. *Rede Jornal Contábil*, 19 nov. 2020. Disponível em:

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

https://www.jornalcontabil.com.br/indice-de-acidentes-e-mortes-no-trabalho-cresceu-no-setor-de-construcao-civil/. Acesso em: 07 dez. 2020.

ESMAIL, R. Y.; SAKWARI, G. H. Occupational Skin Diseases among Building Construction Workers in Dar es Salaam, Tanzania. *Annals of Global Health*, v. 87, n. 1, p. 92, 2021. DOI: http://doi.org/10.5334/aogh.3102. Disponível em: https://www.annalsofglobalhealth.org/articles/10.5334/aogh.3102/. Acesso em: 22 dez. 2021

FANG, D.; WU, H. Development of a Safety Culture Interaction (SCI) model for construction projects. *Safety Science*, v. 57, p. 138-149, aug. 2013. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ssci.2013.02.003. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S092575351300043X. Acesso em: 23 nov. 2021.

FERREIRA FILHO, H. R.; RAMOS, N. C.; CASTRO, R. S. S. Risco, comportamento dos trabalhadores e acidentes de trabalho em uma construtora estabelecida na cidade de Redenção, PA, Brasil. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, p. 1-17, abr. 2020. Disponível em: https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/04/comportamento-trabalhadores-acidentes.html. Acesso em: 08 ago. 2020.

GOMEZ, C. M. Introdução - Campo da saúde do trabalhador: trajetória, configurações e transformações. *In*: GOMEZ, Carlos M.; MACHADO, Jorge M. H.; PENA, Paulo G. L. (org.). *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011. p. 23-24.

GOMES, H. P.; AREZES, P. M. F. M.; VASCONCELLOS, L. C. F. A qualitative analysis on occupational health and safety conditions at small construction projects in the Brazilian construction sector. *Dyna*, v. 83, n. 196, p. 39-47, apr. 2016. DOI: https://doi.org/10.15446/dyna.v83n196.56607. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0012-73532016000200006&lng=es&nrm=iso&tlng=en. Acesso em 30 jul. 2021.

GRILL, M.; NIELSEN, K. Promoting and impeding safety–A qualitative study into direct and indirect safety leadership practices of constructions site managers. *Safety*

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

Science, v. 114, p. 148-159, apr. 2019. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ssci.2019.01.008. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0925753518312864. Acesso em: 24 nov. 2021.

IZUDI, J.; NINSIIMA, V.; ALEGE, J. B. Use of Personal Protective Equipment among Building Construction Workers in Kampala, Uganda. *Journal Environmental and Public Health*, v. 2017, oct. 2017. DOI: 10.1155/2017/7930589. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5672632/. Acesso em: 07 dez. 2021.

JASANI, P. K. *et al*. A study of morbidity profile amongst construction workers at selected construction sites in Surendranagar city. *International Journal of Medical Science and Public Health*, v. 6, n. 2, p. 1, 2017. Disponível em: http://www.ijmsph.com/fulltext/67-1471070879.pdf?1637773781. Acesso em: 03 abr. 2021.

JAZARI, M. D. *et al*. Prevalência de doenças e lesões relacionadas ao trabalho autorreferidas entre trabalhadores da construção civil, Shiraz, Irã. *EXCLI Journal - Experimental and Clinical Sciences*, v. 17, p. 724-733, 2018. DOI: 10.17179/excli2018-1459. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6123613/. Acesso em: 09 dez. 2021.

JIANG, Z.; FANG, D.; ZHANG, M. Understanding the causation of construction workers' unsafe behaviors based on system dynamics modeling. *Journal of Management in Engineering*, v. 31, n. 6, p. 04014099, nov. 2015. Disponível em: https://ascelibrary.org/doi/abs/10.1061/(ASCE)ME.1943-5479.0000350. Acesso em: 24 nov. 2021.

KHODABANDEH, F.; KABIR-MOKAMELKHAH, E., KAHANI, M. Factors associated with the severity of fatal accidents in construction workers. *Medical Journal of the Islamic Republic of Iran*, v. 30, n. 469, dec. 2016. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5419242/. Acesso em: 07 dez. 2021.

KUMAR, N.; SHARMA, S. Survey Analysis on the usage and Impact of Whatsapp Messenger. *Global Journal of Enterprise Information System*, Bangalore, India, v. 8, n.

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

3, p. 52-57, apr. 2017. DOI: https://doi.org/10.18311/gjeis/2016/15741. Disponível em: http://www.informaticsjournals.com/index.php/gjeis/article/view/15741. Acesso em: 17 jun. 2021.

LARA, R.; HILLESHEIM, J. Modernização trabalhista em contexto de crise econômica, política e sanitária. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 49, p. 61-88, jan./abr. 2021. DOI: 10.17771/PUCRio.OSQ.51110. Disponível em: https://suassccovid19.files.wordpress.com/2020/07/artigo_modernizaccca7acc83o_trabalhista.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

LI, Y. *et al*. Face masks to prevent transmission of COVID-19: a systematic review and meta-analysis. *American Journal of Infection Control,* v. 49, n. 7, p. 900-906, jul 2021. DOi: 10.1016/j.ajic.2020.12.007.

MOMOLI, R.; TRINDADE, L. L.; RODRIGUES-JUNIOR, S. A. Perfil dos acidentes de trabalho na indústria da construção civil no oeste de Santa Catarina. *Revista de Psicologia Organizações e Trabalh*o, v. 21, n. 2, p. 1456-1462, abr./jun. 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.5935/rpot/2021.2.19660. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572021000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2021.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais*: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 404 p.

NASCIMENTO, L. C. N. *et al*. Theoretical saturation in qualitative research: an experience report in interview with schoolchildren. *Revista Brasileira de Enfermagem,* Brasília, v. 71, n. 1, p. 228-233, jan./feb. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/SrfhX6q9vTKG5cCRQbTFNwJ/?lang=en. Acesso em: 12 nov. 2021.

ODDONE, I. *et al*. *Ambiente de trabalho*: a luta dos trabalhadores pela saúde. Tradução Salvador Obiol de Freitas. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2020. 298p.

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

PANDIT, B. *et al*. Fostering safety communication among construction workers: Role of safety climate and crew-level cohesion. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 16, n. 1, p. 71, 2019. DOI: https://doi.org/10.3390/ijerph16010071. Disponível em: https://www.mdpi.com/1660-4601/16/1/71. Acesso em: 25 nov. 2021.

SANTANA, V. S.; OLIVEIRA, Roberval P. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública,* Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 797-811, jun. 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000300017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/ttzJhvgLs5mJMhtDGMR3BDk/?lang=pt. Acesso em: 09 dez. 2021.

SCHMIDT, B.; PALAZZI, A.; PICCININI, C. A. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 8, n. 4, p. 960-966, 2020. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/4979/497966365017/html/. Acesso em: 02 jul. 2021.

SOUZA, A. C. G. C.; ROSSETE, C. U. Plano de prevenção à disseminação da COVID-19 na construção civil. *Revista Científica Integrada*, v. 5, n. 1, 2021. Disponível em: https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicao-atual/4274-rci-covid19construcaocivil-02-2021/file. Acesso em: 22 nov. 2021.

SOUZA, D. O. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, e00311143, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00311. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tes/a/7rJ6TkW8Cs88QkbNwHfdkxb/?lang=pt. Acesso em: 14 nov. 2021.

VIDAL, R. S. Os limites da proporcionalidade na construção civil em tempos de Covid-19. *Laborare,* Salvador, v. 4, n. 6, p. 172-193, jan./jun. 2021. DOI: https://doi.org/10.33637/2595-847x.2021-71. Disponível em: https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/71. Acesso em: 14 nov. 2021.

WANG, J.; ZOU, P. X. W.; LI, P. P. Critical factors and paths influencing construction workers' safety risk tolerances. *Accident analysis & prevention*, v. 93, p. 267-279, aug.

Temas em Saúde
Volume 22, Número 6
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2022

Artigo

2016. DOI: https://doi.org/10.1016/j.aap.2015.11.027. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0001457515301421. Acesso em: 23 nov. 2021.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública,* Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00068820, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csp/2020.v36n5/e00068820/. Acesso em: 03 dez. 2021.

YE, G.*et al*. Understanding the sociocognitive process of construction workers' unsafe behaviors: an agent-based modeling approach. *International Journal Environmental Research and Public Health*, v.17, n. 5, p. 1588, mar. 2020. DOI: 10.3390/ijerph17051588. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7084719/. Acesso em: 23 nov. 2021.

ZHU, N. *et al*. A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. *New England Journal of Medicine*, v. 382, p. 727-733, 2020. DOI: 10.1056/NEJMoa2001017. Disponível em: https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2001017. Acesso em: 03 dez. 2021.

NOTAS

[1] Este estudo, realizado em Salvador, buscou identificar o perfil ocupacional e de saúde dos trabalhadores da construção civil. Para isso realizou entrevistas pessoais e telefônicas com uma amostra aleatória de trabalhadores.

[2] A amostra por bola de neve consiste em uma técnica de amostragem na qual os participantes selecionados para o estudo convidam novas pessoas da sua rede pessoal de amigos ou conhecidos, para integrarem a amostra da pesquisa. (Cf. Costa, 2018).

[3] O armador é o profissional responsável pela montagem das estruturas de ferro que posteriormente recebem os materiais da obra, tais como o concreto.

[4] A CLT foi instituída pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943, sancionada por Getúlio Vargas e unificou toda a legislação trabalhista no país (Cf. Antunes, 2006).